

O ENSINO DE GRAMÁTICA: UM ESTUDO DE CASO DO 9º ANO DA ESCOLA DE E. F. DOM JAVIER HERNANDEZ DE TIANGUÁ- CE

Valéria Araújo de Souza

RESUMO: Este artigo tem como principal objetivo abordar o ensino de gramática e mostrar que esse ensino não deve ocorrer apenas para proteger ou conservar a composição da língua, mas para auxiliar o usuário e falante no conhecimento de sua própria língua materna. O estudo se pautou com base nos teóricos como ANTUNES (2008), NEVES (2000), PCN (1998), TRAVAGLIA (2008), entre outros. Para uma melhor abordagem e compreensão do assunto, foi feita uma pesquisa de campo, onde foi entrevistado professores e alunos da rede pública do ensino fundamental II, mais precisamente do 9º ano. Foram discutidas no decorrer do artigo como está o ensino de gramática e as propostas que visam sua melhoria. Foi verificável que falta despertar nos alunos a consciência da funcionalidade da leitura e escrita, e isso só será possível quando os professores levarem em conta a bagagem que o aluno traz consigo, a respeito de sua língua materna.

PALAVRAS- CHAVE: Ensino. Gramática. Ensino fundamental. Língua Materna.

1. INTRODUÇÃO

Durante muito tempo o ensino de gramática tem sido tema de discussões com intuito de um melhor funcionamento de ensino de gramática e da língua materna. É neste sentido que o professor, com a responsabilidade de educar, deve estar atendo sobre como repassar à gramática, onde o mesmo deva iniciar um trabalho a partir dos usos dos alunos, incorporando e valorizando essas expressões em sala de aula, para que assim se alcance uma aprendizagem satisfatória do ensino de gramática e língua materna.

O artigo que traz como tema: “O Ensino de Gramática: um estudo de caso do 9º ano do Ensino Fundamental” tem o objetivo de discutir temas importantes para o ensino de gramática. O texto constará de três partes: a primeira refere-se a como está o ensino de gramática, bem como os conteúdos considerados primordiais pelos professores. A segunda parte trata de duas propostas para o ensino de gramática na visão de

TRAVAGLIA (2008) e dos PCN (1998) e a terceira refere-se à discussão dos dados da pesquisa de campo.

2. COMO ESTÁ O ENSINO DE GRAMÁTICA

Muito se tem questionado a respeito do ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa, afinal, a gramática deve ou não ser ensinada? Diante de uma nova metodologia, como seria a reação de professores e alunos?

Em vista disso, surge também outro questionamento, acerca do ensino de Língua Portuguesa nas escolas, pois ao educador compete o ensino da gramática normativa para o cumprimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais servem de referência para o trabalho de todas as disciplinas nos três níveis para a formação escolar dos discentes. Observa-se uma grande dificuldade em relação à aprendizagem, por parte desses, de acordo com a norma culta imposta devido à cultura dos estudantes que, muitas vezes, é incompatível levando os mesmos a concluírem a vida escolar sem saberem ler e escrever adequadamente.

Côncio dessa realidade, o professor de Língua Portuguesa, deverá dedicar-se em adotar novos recursos didáticos, a fim de garantir um ensino eficaz que leve o aluno a ter verdadeiramente uma aprendizagem significativa. De acordo com Antunes (2007 p. 53) “Não há dúvida de que deve ensinar a gramática normativa nas aulas de língua portuguesa, embora se saiba perfeitamente que ela em si não ensina ninguém a falar, ler e escrever com precisão”. Nesse sentido o dever da escola é ensiná-la oferecendo condições ao aluno de adquirir competência para usá-la de acordo com a situação vivenciada. Não é com teoria gramatical que ela concretizará o seu objetivo, pois isto leva os estudantes ao desinteresse pelo estudo da língua, por não terem condições de entender o conteúdo ministrado em sala de aula, resultando assim frustrações, reprovações e recriminações que iniciam pela própria escola e o preconceito lingüístico.

É importante enfatizar que a assimilação crítica dos estudos lingüísticos e a necessidade de se estabelecer um maior contato do professor com a língua materna e a proposta da lingüística; valorizar a língua falada pelo aluno. Considerando que a gramática não deve ser tida como uma verdade única, absoluta e acabada antes, porém seus conceitos devem ser relativizados, para que alcance o educando do século XXI. De acordo com BAGNO (2000, p. 87)

A gramática deve conter uma boa quantidade de atividades de pesquisa, que possibilitem ao aluno a produção de seu próprio conhecimento lingüístico, como uma arma eficaz contra a reprodução irrefletida e acrítica da doutrina gramatical normativa.

Através desse conceito, BAGNO (2000) afirma que a gramática em si não justifica seu papel de única fonte para o ensino da língua nas escolas, tanto do ponto de vista teórico quanto do prático, bem como o código normativo da linguagem, tomado no geral. Os gramáticos levam ao estágio da angústia os professores e os alunos, para o estudo gramatical em virtude das divergências entre os mesmos. Então o professor deve deixar de lado o comodismo e a repetição da doutrina gramatical e ser mais dinâmico ministrando o conteúdo de forma reflexiva em atividades contextualizadas, interdisciplinares, individuais ou coletivas de forma que o aluno passa a conhecer as variedades da língua através de pesquisas, as quais envolvam a leitura e produção textual, construindo seu próprio conhecimento lingüístico.

O ensino de gramática nas escolas acontece de forma arcaica, devido à aplicação de métodos totalmente teóricos, sem nenhuma significação na vida dos alunos que, por sua vez, não conseguem estabelecer relação entre a teoria gramatical e a prática de texto.

De acordo com o estudo de NEVES (1990, p. 10-11), em pesquisa feita com 170 professores de ensino fundamental (5º a 8º séries) de São Paulo, registra que em resposta à pergunta “Para que se ensina a gramática?” quase 50% dos entrevistados fazem indicações que se referem ao bom desempenho, destaque ao desempenho ativo (melhor expressão, melhor comunicação, melhor compreensão); cerca de 30% das indicações referem-se a questões normativas (maior correção, conhecimento de regras ou de normas, conhecimento do padrão culto) e cerca de 20% se ligam a uma finalidade teórica (aquisição das estruturas da língua/ melhor conhecimento da língua/conhecimento sistemático da língua/apreensão dos padrões da língua/sistematização do conhecimento da língua) e menos de 1% dos professores declarou que só da aula de gramática para cumprir o programa.

No que diz respeito ao que é ensinado, NEVES (1990, p.12-14) registra que as áreas do programa de Língua Portuguesa que mais são trabalhadas por ordem de frequência são as seguintes:

1. Classe de palavras.....39,71%

2. Sintaxe.....	35,85%
3. Morfologia.....	10,93%
4. Semântica.....	3,37%
5. Acentuação.....	2,41%
6. Silabação.....	2,25%
7. Texto.....	1,44%
8. Redação.....	1,44%
9. Fonetica e Fonologia.....	0,96%
10. Ortografia.....	0,80%
11. Estilística.....	0,32%
12. Níveis de linguagem.....	0,32%
13. Versificação.....	0,16%

Podemos observar que os exercícios de reconhecimento e classificação de classes de palavras e de função sintáticas correspondem a mais de 70% (75,56%) das atividades de ensino de gramática, aparecendo em todos os grupos de professores pesquisados. Confirma-se, pois de que os mesmos tópicos gramaticais são reprisados anos após ano, pelos onze anos que constituem o ensino fundamental como também o médio.

3. UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA

3.1 O ensino de gramática na visão de Travaglia

Levando em consideração a situação atual em que se encontra o ensino de gramática nas escolas e em como essa se realiza, podemos observar que a mesma é ineficiente em seus resultados. O professor, visto como detentor do conhecimento, muitas vezes é responsável pela aversão dos alunos acerca da gramática e pelos preconceitos lingüísticos existentes, em que os dialetos de menor prestígio são considerados como erros. Sendo assim, é de extrema necessidade uma nova proposta para o ensino de gramática, para se obter aprendizagens satisfatórias na formação do aluno e uma valorização de sua bagagem lingüística e cultural, conforme afirmou VIEIRA (2003, p. 82):

Tornou-se pertinente a reformulação do conceito de o que seria ensinar português. Para tal, deve parti-se do principio básico de que o uso da linguagem deve constituir tanto ponto de partida quanto

ponto de chegada. Assim, as atividades de leitura, escuta, escrita e fala devem visar ao desenvolvimento, no aluno, das habilidades de compreensão, reflexão e construção, e não constituírem barreiras para o desenvolvimento intelectual dos mesmos.

Nesse sentido, é notório que no ensino de gramática, a leitura, compreensão e produção textual têm ocupado grande espaço, o que se entende como uma grande inovação para o ensino da mesma, mas, ainda existem muitos professores que defendem o ensino de gramática de maneira tradicional, conservadora e sistemática.

Afirma TRAVAGLIA (2008) que o ensino de gramática nas aulas de português como língua materna tem, sem dúvida, representado um problema constante para os professores de língua portuguesa das escolas do ensino fundamental e médio deste país.

Para se alcançar bons resultados no ensino de gramática, devemos levar em consideração algumas questões, que segundo TRAVAGLIA, são fundamentais para o ensino de gramática, são elas: Quais os objetivos da língua materna? Como o professor deve conceber a linguagem? De acordo com as concepções de gramática, qual a mais adequada? Que tipo de ensino o professor deve optar para repassar o conhecimento?

A partir das respostas das questões acima, o subtítulo desse artigo “Uma Proposta Para o Ensino de Gramática”, permite a discussão de idéias voltadas para melhor atender o aluno e sua relação com o conhecimento que ele deve obter, para que o ensino de gramática que é visto como um problemático passe a ter uma proposta que seja mais pertinente na vida daqueles que se mostram dispostos a aprender, também propõe auxiliar professores que desejam ensinar a gramática com uma visão mais crítica.

A primeira questão a ser discutida é acerca dos objetivos que se pretende alcançar com o ensino de gramática como língua materna. São muitos a serem trabalhados e devem habilitar o aluno a usar adequadamente os recursos lingüísticos. Assim, podemos citar alguns deles: 1- desenvolver a competência comunicativa, fazendo com que o aluno empregue a língua de forma adequada em situações diversas, com intuito de ser um bom usuário dos recursos da língua onde o mesmo possa estar em contato com variados tipos de textos falados e escritos que permeiam pela sua realidade. Levar o aluno a dominar a língua culta ou padrão, tendo sempre em mente um ensino crítico da norma padrão onde a variedade lingüística seja trabalhada. Nesse sentido, a escola deve trabalhar os preconceitos lingüísticos ensinando que as diferenças no modo de falar existem e não devem ser ditas como “erradas”. 3-Fazer com que o aluno

obtenha o conhecimento da instituição lingüística, da instituição social que é a língua, ou seja, qual sua forma e função. 4-Propor que o aluno pense e raciocine utilizando as atividades metalingüísticas. Isso porque aprender a língua exige uma reflexão sobre ela, assim o aluno deve produzir e difundir idéias com capacidade de buscar aquisição e produção do conhecimento através da linguagem.

Segundo TRAVAGLIA (2008), outra questão de relevância para o ensino da língua materna, que é de importância para o ensino de gramática, é como o professor deve conceber a linguagem e a língua, pois o modo como se concebe a natureza fundamental da língua altera em muito como se estrutura o trabalho com a língua em termos de ensino.

A primeira concepção define a linguagem como expressão do pensamento. Segundo essas concepções, o modo como o texto esta sendo utilizado não depende da situação da fala (onde? Como? Quando?) e para quem se fala. A segunda trata da linguagem para transmitir informações entre emissor e receptor e a língua é um código isolado em si. A terceira define a linguagem como interação humana.

Tendo em mente essas três concepções de linguagem, o professor deve trabalhá-las atentamente de maneira que não isole nenhuma dessas, pois as três se completam e é com base nessa idéia que os PCN (1998) afirmam que até os oito anos de idade o aluno deva ser capaz de interpretar diversos tipos de textos e de assumir suas palavras como verdadeiros cidadãos. Assim, eles devem ter domínio da linguagem para expressar suas idéias e pensamentos, e também ter domínio da língua para poder significar o mundo e a sociedade.

A próxima questão a ser discutida e talvez a de maior importância é acerca das concepções de gramática e de acordo com suas definições identificar a mais adequada para o ensino da língua materna.

Existem vários tipos de gramática: a gramática implícita, a normativa, a explícita a universal entre outras, enfim, diante de tantas gramáticas quais utilizar para se alcançar resultados positivos na aprendizagem?

TRAVAGLIA (2008) em seu livro “Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática” nos dá a resposta. O mesmo afirma que o ensino de gramática deve ser voltado para uma gramática de uso e Reflexiva com auxílio da Teórica e da Normativa, utilizando a interação numa situação específica de comunicação.

Na gramática de uso, os estudos devem estar voltados para o conhecimento da língua, na dimensão do funcionamento textual discursivos dos elementos da língua. No

caso da gramática reflexiva, elas representam atividades de observações e reflexões sobre a língua, leva o aluno a explicitar fatos da estrutura e do funcionamento da mesma e também mostrar os efeitos de sentido que os elementos lingüísticos produzem na interlocução. Tem a ver com a gramática internalizada do falante e pode ser trabalhada pelas produções orais e escritas dos alunos ou outros produtores.

A gramática tradicional e a normativa auxiliam as outras duas citadas acima. A primeira se refere à língua padrão e a segunda é representada por estudos lingüísticos que buscam explicitar a estrutura, a constituição e o funcionamento da língua.

O trabalho com essas gramáticas não precisa ser dividido no tempo, podem ou não ser utilizadas para um mesmo conteúdo em qualquer série. Assim, quem irá definir como trabalhá-las é o professor que é o conhecedor das necessidades de cada um de seus alunos.

Para utilização dessas gramáticas em sala de aula, também deve haver um tipo de ensino considerado adequado, ou seja, como o professor transmite o conhecimento contribui de maneira positiva ou negativa e assim dentro em vista os objetivos que se pretende alcançar, o professor deve estar atendo acerca do tipo de ensino a adotar.

Para TRAVAGLIA (2008) há três tipos de ensino. O prescritivo, que objetiva levar o aluno a substituir seus conhecimentos prévios, ditos como errados, pelos que são considerados certos impostos pela gramática tradicional e que mantém relações com a gramática normativa e com a primeira concepção de linguagem. Esse tipo de ensino é importante porque leva o aluno a ter domínio da norma culta ou padrão e também porque se trabalha com a variedade escrita. Mas, ao mesmo tempo esse tipo de ensino desvaloriza a língua falada e ao tentar estabelecer o que certo exclui a maneira de falar de cada indivíduo, o estilo próprio que cada um traz consigo.

O segundo ensino é o descritivo. Este tenta mostrar como a linguagem e a língua em particular funcionam. Nesse ensino, a língua materna é tratada como de extrema importância porque é aquela a qual o aluno mais conhece e é nesse ensino também que as variedades lingüísticas ganham espaço.

O ensino produtivo objetiva ensinar novas habilidades lingüísticas. Propõe que o aluno entenda de maneira mais eficiente a língua materna e é o mais adequado para desenvolver a competência comunicativa.

Esses três tipos de ensino são muito importantes e não são totalmente excludentes e podem ser utilizados de acordo com os objetivos que se pretende alcançar. O ensino descritivo e o produtivo são os mais úteis para os alunos porque valoriza a

língua materna e as variedades e a competência comunicativa, mas, o ensino prescritivo também deve ser trabalhado pelo professor quando ele desejar ensinar a norma padrão, de modo que não apresente valores absolutos na língua e sim como aplicar a língua em determinadas condições.

3.2 O ensino de gramática segundo os PCN

Na concepção dos PCN (1998) publicado pelo Ministério da Educação, encontramos uma visão moderna e abrangente a respeito do ensino de gramática e língua portuguesa.

Esse ensino desde os anos 70 tem sido alvo de discussões para se melhorar o ensino do país. Nos anos 60 e 70 houve mudanças, mas pouco se consideravam os conteúdos, as mudanças eram mais na maneira de ensinar. Já nos anos 80, as pesquisas se voltaram para área da lingüística e assim passaram a considerar a linguagem como ponto de partida e de chegada favorecendo o processo de interação comunicativa tendo o reconhecimento do aluno como cidadão e valorizando seu conhecimento prévio (cultural e lingüístico). Tomando assim, a linguagem como atividade discursiva, o texto com unidade de ensino, a noção de gramática seria relacionada com o conhecimento que o falante tem da sua linguagem. Portanto, saber gramática implica no conhecimento progressivo de sua própria atividade lingüística.

Os PCN (1998) afirmam que o processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa é resultante da articulação de três variáveis. A primeira (aluno), este deve aprender e agir sobre o conhecimento de maneira que ele possa interferir de maneira crítica no meio em que vive; o segundo (conhecimento) com os quais opera na prática de linguagem e se refere mais especificamente ao conhecimento discursivo textual e lingüístico. O terceiro (professor) que se refere a pratica educacional do professor e da escola.

De acordo com o subtítulo “Reflexão Gramatical Na Prática Pedagógica” os PCN (1998) afirmam que para seleção de conteúdos de análises lingüística a referencia não deve ser a gramática tradicional isso porque o modo de ensinar não se reproduz na metodologia clássica de definições, classificações e etc. que muitas vezes são ate contraditórios. A pratica a ser usada deve ser aquela que parta de uma reflexão dos alunos produzida pelos mesmos e que podem diferir da gramática tradicional, criada sob bases elitistas.

A didática é voltada para produção e interpretações de textos e a gramática deve ser trabalhada de forma contextualizada, isso porque a língua portuguesa se constitui de várias variedades e essa variação é própria da língua ocorrendo em todos os níveis. Portanto, as aulas devem favorecer um espaço para o desenvolvimento da capacidade intelectual e lingüística dos alunos. Nesse contexto, a escola precisa se livrar de muitos preconceitos e mitos lingüísticos existentes. Também deve fazer que no processo de ensino – aprendizagem o aluno esteja em contato com diversas formas de falar utilizar a linguagem.

De acordo com os PCN os objetivos gerais da língua portuguesa para o ensino fundamental são: 1º: fazer com que o aluno amplie o domínio dos discursos em diversas situações comunicativas e para isso a escola deve propor atividades que façam o aluno utilizar a língua na escrita e na produção de textos para atender as demandas sociais, 2º: que o aluno utilize a linguagem para estruturar a experiência e explicar a realidade, 3º: que também seja capaz de analisar criticamente os diferentes discursos, 4º: que venha reconhecer e valorizar a linguagem do seu grupo social.

Segundo PERINI (1997, p. 45), é necessário destacar os principais problemas no ensino de gramática: “objetivos mal colocados, metodologia inadequada e falta de organização lógica da matéria”. Nesse sentido, com relação a este último ponto, o professor não pode fazer muito, já que a tarefa de atualizar e organizar a gramática caberia a lingüistas e gramáticos, no que se refere aos dois primeiros, será ele essencial para a adoção de uma abordagem mais adequada.

Para isso, ele conta com algumas sugestões dos PCN (1998, p. 89-90), como se percebe no fragmento a seguir:

É no interior da situação de produção do texto, enquanto o escritor monitora a própria escrita para assegurar sua adequação, coerência, coesão e correção, que ganham utilidade os conhecimentos sobre os aspectos gramaticais.

Contudo, saber o que é um substantivo, adjetivo, verbo, artigo, preposição, sujeito, predicado, etc. não significam ser capaz de construir bons textos, empregando bem esses conhecimentos. Quando se enfatiza a importância das atividades de revisão é por esta razão: trata-se de uma oportunidade privilegiada de ensinar o aluno a utilizar os conhecimentos que possui ao mesmo tempo em que é fonte de conteúdos a serem trabalhados.

Se começarmos a analisar os PCN de língua portuguesa para o ensino fundamental, veremos que eles se dividem em duas partes: apresentação da área de língua portuguesa, em que se discutem questões sobre a natureza da linguagem, o ensino dessa disciplina (objetivos e conteúdo) e a relação texto oral-escrito / gramática; e Língua portuguesa no terceiro e no quarto ciclos, em que aparecem os objetivos e conteúdos específicos dessa fase, divididos em prática de escuta de textos orais / leitura de textos escritos, prática de produção de textos orais e escritos e prática de análise lingüística.

Também nesses PCN, na primeira parte, propõe-se a interdisciplinaridade, para que o aluno considere a língua em uma perspectiva mais ampla, e a relação da disciplina aos temas transversais que norteiam os PCN (ética pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo); e, na segunda parte, constam informações sobre projetos, uso de tecnologia em sala de aula e critérios de avaliação. Esses aspectos, entretanto, não comentaremos neste artigo, por considerarmos que eles se referem mais a questões gerais dos PCN que à área específica de língua portuguesa.

Na primeira parte, a língua portuguesa é apresentada como uma área em mudança, no que se refere ao ensino, pois tem se passado do excesso de regras e tradicionalismo típicos das escolas para um questionamento de regras e comportamentos lingüísticos. No que se costuma chamar de “ensino descontextualizado de metalinguagem” (1998, p. 18), o texto é usado (quando o é) como pretexto para retirar exemplos de “bom uso” da língua, descontextualizados e fora da realidade do aluno, mostrando uma “teoria gramatical inconsistente”. Já a perspectiva mais crítica de ensino de língua apresenta a leitura e a produção de textos como a base para a formação do aluno, mostrando que a língua não é homogênea, mas um somatório de possibilidades condicionadas pelo uso e pela situação discursiva. Assim, o texto é visto como unidade de ensino e a diversidade de gêneros devem ser privilegiadas na escola.

O mote dessa perspectiva de ensino de língua mais produtivo aparece no próprio texto dos PCN (1998, p. 23) “Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva”. É, portanto, na percepção das situações discursivas que o aluno poderá se constituir como cidadão e exercer seus direitos como usuário da língua.

Para que a ideia defendida nos PCN possa ser aplicada, é necessário que o foco do ensino saia das regras pré-estabelecidas para se basear na análise de textos, visando à compreensão e produção. A novidade é a inclusão de textos orais no ensino de língua.

MARCUSCHI (1997) já alertava para isso, ao analisar diversos manuais didáticos e não encontrar em nenhum qualquer referência a textos orais. Segundo os PCN, é a pluralidade de textos, orais ou escritos, literários ou não, que fará o aluno perceber como se estrutura sua língua.

Outro aspecto importante nos PCN é a importância do trabalho com textos produzidos pelos próprios alunos. As chamadas “redações”, geralmente textos sem objetivos e produzidos meramente como avaliação, passariam a ser material de apoio para os professores, uma vez que poderiam ser analisadas e usadas em sala para mostrar aos alunos que eles são produtores de textos e que a gramática não é algo tão abstrato. Sugere-se, então, a refacção dos textos dos alunos como exercício de análise lingüística e prática textual. Assim, fazer uma reflexão sobre língua e linguagem e, comparando textos orais e escritos, dos mais diversos gêneros, o aluno vai percebendo as variações lingüísticas.

Com relação à segunda parte dos PCN de ensino fundamental para terceiro e quarto ciclos, o que mais chama a atenção é a maneira como são apresentadas as diferentes práticas de trabalho com a linguagem, cujo objetivo é desenvolver no aluno:

O domínio da expressão oral e escritas em situações de uso público da linguagem, levando em conta a situação de produção social e material do texto (lugar social do locutor em relação ao(s) destinatário(s); destinatário(s) e seu lugar social; finalidade ou intenção do autor; tempo e lugar material da produção e do suporte) e selecionar, a partir disso, os gêneros adequados para a produção do texto, operando sobre as dimensões pragmática, semântica e gramatical (1998, p. 49).

Dessa forma, a prática de escuta de textos orais / leitura de textos escritos, a prática de produção de textos orais e escritos e a prática de análise lingüística formariam um tripé em cima do qual se sustenta o ensino de língua portuguesa, funcionando como um bloco na formação dos alunos. Os conteúdos partem, portanto, de textos, sempre, conforme já foi dito, valorizando e destacando diferenças e semelhanças, fazendo com o aluno discuta o que vê / lê para conseguir se sentir usuário da língua e participante do processo de aprendizagem. Em resumo, tem-se o princípio USO→ REFLEXÃO→ USO (1998, p. 65).

Quanto à prática de análise lingüística, ressalta-se, no texto dos PCN, que ela não é um novo nome para o ensino de gramática, mas uma maneira de perceber fenômenos lingüísticos e relacioná-los aos textos:

Quando se toma o texto como unidade de ensino, ainda que se considere a dimensão gramatical, não é possível adotar uma caracterização preestabelecida. Os textos submetem-se as regularidades lingüísticas dos gêneros em que se organizam as especificidades de suas condições de produção: isso aponta para a necessidade de priorização de alguns conteúdos e não de outros (1998 p. 78-79)

Em relação a essa terminologia característica, é preciso considerar que, embora seja peculiar a situações de análise lingüística (em que inevitavelmente se fala sobre língua), não se devem sobrecarregar os alunos com um palavreado sem função, justificado exclusivamente pela tradição de ensiná-lo.

O critério do que deve ser ou não ensinado é muito simples: apenas os termos que tenham utilidade para abordar os conteúdos e facilitar a comunicação nas atividades de reflexão sobre a língua excluindo-se tudo o que for desnecessário e costuma apenas confundir os alunos.

4. DISCUSSÃO DOS DADOS DA PESQUISA

Pesquisa de campo feita na Escola de Ensino Fundamental Dom Javier Hernandez, uma escola da rede pública localizada na cidade de Tianguá-Ceará. Foram entrevistados cinco professores e cinco alunos do 9º ano. Em virtude das respostas dos professores e alunos se apresentarem semelhantes, abordaremos neste artigo apenas às respostas dadas de um professor e de um aluno.

- **PERGUNTAS FEITAS AOS DOCENTES**

1) Qual a sua opinião com relação ao ensino de gramática nas escolas?

Resposta do professor A: *“A gramática vem sendo trabalhada nas escolas de forma vaga; os alunos vêem a gramática, no caso a tradicional, como uma única forma de aprender a língua; preconceito por acharem que a gramática é a maneira como se deve falar corretamente, ou seja, quem não falar de acordo com suas normas, estará falando errado”*.

Podemos perceber mediante resposta do professor que a gramática tradicional acarreta ao aluno certo preconceito com relação à língua falada tendo como base apenas esta gramática, porém sabemos que não é desta forma que ocorre, a língua falada não é

inferior e nem superior a língua escrita; o que está faltando neste caso é o professor deixar isso explícito ao aluno. Cabe ao professor falar para ao aluno que existem diversas gramáticas (conforme já abordamos neste artigo), não apenas a gramática normativa, e que o indivíduo deve saber adequar seu discurso dependendo do contexto social, pois temos um tipo de linguagem para escrever e outro para falar, um não é melhor do que o outro, os dois estão no mesmo nível de valor, uma vez que necessitamos das duas formas para nos comunicarmos, seja uma linguagem coloquial ou formal.

2) Qual a sua metodologia para lecionar esta disciplina?

Resposta: *“Eu costumo ensiná-la separadamente, ou seja, sem contextualizar com leituras, pois assim eu percebo que os alunos compreendem melhor”*.

Percebemos que o professor não concorda com o método abordado por Travaglia, pois este defende que o ensino de gramática deve ser contextualizado para uma melhor compreensão do aluno, se ela for trabalhada de forma separada de textos dificultará o entendimento do discente.

3) Você acha que seus alunos gostam do ensino de gramática:

Resposta: *“Não, porque eles não percebem relações da gramática com situações práticas de sua vida, por isso eu sempre procuro brincar durante as explicações associando as regras gramaticais com falas que normalmente eles usam em seu dia-a-dia”*.

É muito comum os alunos não gostarem de gramática, uma das hipóteses para que isso aconteça deve-se ao fato do professor comumente se deter apenas ao livro didático. Sabemos que existem diversas formas para se ensinar gramática, se no caso o professor só usa o livro didático obviamente será uma aula monótona sem despertar interesse do aluno. Para inovar suas aulas de gramática o professor deveria levar para a sala de aula textos usada no cotidiano, ao qual o aluno tem contato como, por exemplo, a receita culinária, o horóscopo, etc. fazendo isto, o professor mostra na prática como funciona a língua e suas diversas variedades.

4) Você encontra alguma dificuldade para repassar esta disciplina?

Resposta: *“Sim, porque são infinitas regras e exceções para fazer os alunos compreenderem e mesmo tentando mostrar a eles a visão da lingüística, considerando*

as variedades, eles se sentem ainda mais confusos. Por isso eu ouço muitos colegas dizerem que o professor de português enfrenta uma situação crucial”.

Observamos algo completamente coerente, que é a questão de que o professor de português enfrentar uma verdadeira barreira no que tange ao ensino de gramática, pois nesta existem diversas regras as quais o professor precisa repassar de tal forma que o aluno entenda, e isto nem sempre é possível.

5) Caso você acha algo falho no que tange este ensino, cite algo que em sua opinião poderia melhorá-lo.

Resposta: *“Cabe a prática docente melhorar este ensino”.*

Vemos aqui aquela velha história de que o professor é culpado de tudo o que diz respeito ao aluno, obviamente isto é um mito, pois sabemos que o professor é apenas um orientador para auxiliar ao aluno em seus estudos, se este não consegue apreender o exposto, a culpa não é de seu professor, com certeza será de outros fatores.

- **PERGUNTAS AOS DISCENTES**

1) Você gosta do ensino de gramática?

Resposta do aluno B: *“Não, porque são muitas regras e exceções, e isso nos confunde bastante, pois falamos de um jeito e escrevemos de outro”.*

Percebemos a dificuldade do aluno com relação à gramática, em virtude da questão de que escrevemos de um jeito e falamos de outro, porém o aluno precisa se adequar com esta realidade. Cabe ao professor mostrar na prática como que isto acontece na língua, facilitando e moldando este pensar, e que este tipo de gramática possa somar conhecimento, mas não gerar preconceito, para que a gramática internalizada não seja vista de modo negativo, como vem acontecendo com relação aos alunos.

2) De que forma seu professor repassa para vocês alunos esta disciplina?

Resposta: *“Através dos livros de gramática e nada mais, nos apegamos apenas a eles”.*

Percebemos o quanto o ensino de gramática mediante a este professor deixa a desejar, a maioria deles se apegam apenas ao livro didático e não procuram alguma novidade para levar à sala de aula, incentivando assim seus alunos, conseqüentemente melhorando o aprendizado destes.

2) Você sente dificuldades em aprender gramática?

Resposta: *“Com certeza. Torna-se complicado, pois falamos de um jeito e escrevemos de outro. Pra falar não existem regras, mas pra escrever são muitas”*.

Percebe-se novamente a questão do falar/escrever diferente, e mais uma vez que é complicado. Enquanto o professor não mostrar a seus alunos que de fato ele precisa destes dois tipos de ensino, ficará difícil ao aluno associar que o falar não é inferior ao escrever, precisamos dos dois para nos comunicar.

3) O que você acha a respeito desse tipo de ensino?

Resposta: *“Acho bom, mas deveria mudar esse pensamento de que somente é correta para se escrever textos”*.

Aqui, percebemos que o aluno defende a idéia de que devemos escrever da mesma maneira como falamos, ou seja, ele deseja uma união entre a gramática normativa e a gramática internalizada, porém sabemos que precisamos das duas e de todas as outras gramáticas em nosso cotidiano. Cada uma delas tem o seu prestígio, todavia nenhuma é superior ou inferior a outra e o seu uso irão depender da esfera a qual estiver.

E que o ensinar na escola? Conforme BAGNO (2002), em seu livro “Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa” deve-se ensinar a norma-padrão fazendo um ensino crítico da mesma, trabalhando com o todo da língua e não apenas com suas formas, desenvolvendo também a prática da leitura e da escrita, de releitura e reescrita, da re-releitura e da re-reescrita, sem a necessidade de decorar conceitos. Enfim, o professor deve trabalhar com as formas de usos da língua valorizando as classes populares fazendo com que o aluno produza seu próprio conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se que muitos conceitos precisam ser mudados com relação ao ensino de gramática, enquanto o aluno permanecer com idéia de que uma gramática é inferior ou superior as outras dificultarão o próprio uso delas, impossibilitando-o na apreensão e soma de novos conhecimentos.

De acordo com o que foi discutido no decorrer do texto, podemos propor que o ensino de gramática não deve ser trabalhado de maneira isolada, pois o mesmo é fruto da interação de outros fatores de fundamental importância. Para os PCN o ensino de gramática adequada é aquele que valorize a linguagem bem como as variedades lingüísticas existentes.

Em suma, fica explícito que a maneira como a gramática vem sendo trabalhada em sala de aula deixa a desejar por parte de alguns professores. Percebe-se que o ensino de língua portuguesa perpassa por muitas dificuldades, não apenas com a forma de ensinar gramática, como também a maneira que o professor atua em sua prática, ou seja, fornecer aos alunos uma orientação válida para a prática de produção de textos respaldada pelas regras gramaticais.

Há várias maneiras para que ocorram mudanças no ensino tradicional, uma delas é o professor tornar-se o mediador do conhecimento ao aluno, fragmentando a distância entre o mesmo e o ensino de gramática, tornando-a prazerosa e não somente obrigatória.

Deve-se então encontrar métodos dinâmicos e eficientes ao transmitir o conteúdo. Não há uma receita mágica nem respostas milagrosas, o que deve ser feito são novas práticas de ensino que vão propiciar ao corpo discente uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Maria Irandé Costa Moraes. **Muito além da gramática: por um ensino de gramática sem pedra no caminho.** São Paulo, Ed. Parábola, 2007.

BAGNO, Marcos. **Dramática da Língua Portuguesa.** São Paulo, Ed. Loyola, 2000.

BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro: um convite à pesquisa.** São Paulo: Parábola. 3ed. 2002.

BRASIL. Secretaria de educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/** Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Concepção de língua falada nos manuais de português de 1º e 2º Graus: uma visão crítica. **Trabalhos em Lingüística Aplicada.** 1997, 30: 39-79

PERINI, Mário A. **Sofrendo a gramática: a matéria que ninguém aprende.** In: ——. **Sofrendo a gramática: Ensaio sobre a linguagem.** São Paulo: Ática, 1997.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática: conhecimento e ensino.** In: AZEREDO, José Carlos de. (Org.). **Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino.** Petropolis: Voses, 2000.

VIEIRA Débora. **O que é ensinar português.** Disponível em <www.portugues.com.br>. Acesso em: 01/05/2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus.** 12 ed. São Paulo: Cortez, 2008.